



DA GLÓRIA AO ANONIMATO: UMA ANÁLISE DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS NO SAMBA BRASILEIRO

DE GLORIA A LA ANONIMIDAD: UN ANÁLISIS DE LA INVISIBILIDAD DE LAS MUJERES NEGRAS EN EL SAMBA BRASILEÑO

Ana Karolina Matias Emydio¹

Cristiane Westrup²

Fernanda da Rocha Fabiano³

Palavras chave: Apropriação cultural; branquitude; música; racismo.

Palabras clave: Apropiaación cultural; blancura; canción; racismo.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a invisibilidade do protagonismo das mulheres negras cantoras de samba. Quais as suas contribuições para o enfrentamento da estrutura racista que as coloca como coadjuvantes da própria cultura e desse gênero musical de origem eminentemente negras, apropriado como cultura brasileira. Como objetivos específicos: Compreender como se deu a apropriação da cultura africana como cultura brasileira. Abordar através dos estereótipos construídos sobre as mulheres negras, como essas artistas através da música subverteram a lógica racista. Analisar a branquitude sobre o signo da apropriação. O método de abordagem deste trabalho é o dedutivo e método de procedimento monográfico. A técnica de pesquisa será documental e bibliográfica, valendo-se de material documental sobre o tema exposto, como livros, periódicos, teses, dissertações e artigos científicos, assim como bibliografias e produções musicais. A apropriação da cultura africana no Brasil demonstra outra faceta do mito

¹ Graduanda em Direito pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Gênero e Raça - NEGRA. E-mail: anakarolinaemydio@unesc.net

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Direito pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (PPGD/UNESC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Gênero e Raça – NEGRA. E-mail: cristiane.wp79@gmail.com

³ Graduanda em Direito pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gêneros e Raça - NEGRA. E-mail: fer.fabiano@hotmail.com



da democracia racial, a mistificação de sua manutenção no tempo. Esta permanência de traços culturais seria o resultado das relações benevolentes entre os senhores proprietários e os escravizados, onde a música, as danças, a culinária, as diversas religiões e linguagem de origem africana colocadas como elementos integrantes da cultura brasileira (brasilidade) seriam a demonstração da ausência de preconceito e discriminação racial dos “brancos” (NASCIMENTO, 2016, p.66). No Documentário Axé: canto de um povo de um lugar, esse filme traz uma análise de como a Indústria do entretenimento brasileira, empresários, produtores musicais embranqueceram a música negra, os artistas, o público cada vez mais elitizado e branco. Houve uma apropriação cultural da cultura africana, seus ritmos e musicalidade (axé, samba, samba de roda, lundu entre outros). O protagonismo do povo negro, da cultura de terreiro foi sendo suprimida, apropriando-se seus significados (KERTÉSZ, 2016). Sob um contexto geral da música popular brasileira, que teve sua história escrita, sobretudo, por compositores homens que destinaram às mulheres os papéis de musas e intérpretes. Mulheres negras que fizeram história no samba como Tia Ciata, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara entre outras, mesmo que renomadas compositoras eram quase sempre definidas como cantoras ou ainda nomeadas como as “tias do samba” (CAVALCANTI, 2019, p.2-5). A cultura africana nomeada como folclore, num processo de inferiorização e esgotamento de seus elementos essenciais configura em uma forma de etnocídio. A predominância de uma cultura eurocêntrica e branca transformou a cultura, o conhecimento, os costumes do povo negro em folclore, o povo que não tem história (NASCIMENTO, 2016, p.147). Não é nenhuma novidade que a cultura negra, como um todo, vem sendo apropriada por uma branquitude que se acha no direito de esvaziar produções, costumes e tradições negras transformando-as em produto de consumo da sociedade capitalista. O grande problema é que ao fazer isto, o real significado daqueles elementos é alterado e toda a história de luta e resistência do povo negro acaba sendo desconsiderada/invisibilizada/apagada (WILLIAM, 2019, p. 29-30). E com o Samba não é diferente, a indústria musical dos anos 1950/1960, marcada pelo racismo estrutural brasileiro, começou a preterir sambistas negros/as em relação aos sambistas brancos/as, dando uma nova “roupagem” ao ritmo que, a



partir desse período, se tornaria mais “refinado” pelo surgimento do movimento da Bossa Nova, o qual impactou de forma negativa as subjetividades e a renda daqueles artistas negros que sobreviviam pelo cantar de um samba que denunciava a opressão vivida por eles (WILLIAM, 2019, p. 83-86). Já dizia a Prof^a Lélia Gonzalez (2020, p. 141) que o racismo latino-americano é refinado ao ponto de manter a população negra em condições de exploração através de um sistema ideológico que os domina e nega o direito de ser sujeita da sua própria história e cultura, desumanizando-os e folclorizando-os, ao mesmo tempo em que concede privilégios aqueles que se enquadram na visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista. Isso tudo é agravado quando analisamos a categoria de mulheres no samba, pois por um lado são vistas como as mulatas do Carnaval, por outro são invisibilizadas quando atuam profissionalmente como cantoras de samba, apesar de seu talento incontestável (GONZALEZ, 2020, p. 164-167). Sobre a mulata se exerce um processo de hipersexualização, erotização folclórica e objetificação sexual a ser consumido pela elite branca racista, afinal, seus corpos serão super expostos na única noite gloriosa do ano e sua imagem certamente será capa dos principais jornais da grande mídia no dia posterior, ainda que na semana seguinte ela só seja mais uma, dentre tantas mulheres negras oprimidas (GONZALEZ, 2020, p. 59). Já para as mulheres negras recai o estereótipo de faxineira, cozinheira, lavadeira, etc., aquela que deve atuar em locais que não tenham contato com o público, fazendo todo o “trabalho pesado”, onde possa ser explorada economicamente sem expressar as opressões que sofre (GONZALEZ, 2020, p. 69). O corpo negro não é visto enquanto potência intelectual e, o da mulher negra, muito menos. Ela é tida como uma trabalhadora braçal, sem qualquer qualificação e que não consegue ascender socialmente, pois não se esforçou o bastante, ou seja, o discurso da meritocracia, fundado na falsa idéia de uma democracia racial, também influencia negativamente a forma como tais mulheres são vistas (GONZALEZ, 2020, p. 169). Por isso, não é simples numa sociedade de ideais brancos, ser resistência, ainda mais quando este corpo é preto e artístico. Tem muita mulher preta que fez e faz história nesse Brasil, país do pretuguês, como diz Lélia Gonzalez (2020) onde a mãe preta revolucionou os caminhos por onde deixou suas lágrimas e marcas, onde o samba ora revolução



ora apropriado destacou potencialidades no mundo da música sambista. Mas pergunta-se onde estão as mulheres negras cantoras do samba? Conforme Grada Kilomba (2019, p. 55-56) o racismo em todas as suas facetas busca controlar o/a sujeito/a negro/a e demonstra a vontade da branquitude em limitar e restringir a população negra das suas próprias aproximações e interpretações, direcionando inclusive o seu lugar (o não-lugar). Ocorre um eterno fechamento de portas porque conforme a branquitude, a negritude é vista enquanto inferioridade, logo quem deve ditar e escolher os espaços e formas de ser são as pessoas brancas. Com isso, sendo o racismo o espaço onde acontecem diversos processos simultâneos, de invisibilização, exclusão e controle, qual a importância de Jovelina Pérola Negra? Dona Ivone Lara? Elza Soares? Leci Brandão? São as mulheres negras que movem as engrenagens da sociedade, quem diz isso é nada mais, nada menos que Angela Davis! Portanto, diante da potência, o que a trajetória de mulheres negras cantoras sambistas tem a dizer? O que se evidencia neste trabalho é o que essas mulheres partilham em comum, sua negritude, os enfrentamentos do racismo, a forma de revolucionar o mundo e subverter as estruturas por meio do samba. Quem disse que cantar é coisa de preta? Essas mulheres. Na música de Dona Ivone: Um sorriso negro/Um abraço negro/Traz felicidade/Negro sem emprego/Fica sem sossego/Negro é a raiz da liberdade/Negro é uma cor de respeito/Negro é inspiração/Negro é silêncio, é luto/Negro é a solidão/Negro que já foi escravo/Negro é a voz da verdade/Negro é destino, é amor/Negro também é saudade. E Leci Brandão? Ela entra em cena sacudindo as estruturas coloniais do saber⁴ e rompe com aquilo que Chimamanda (2018) diz ser a “história única”: Zumbi, o teu grito ecoou/No Quilombo dos Palmares/Como um pássaro que voou/Tão liberto pelos ares/Um grito de dor e de fé/Ficou registrado na nossa história/Pela luta, pelo axé/Pela garra, pela glória. O que essas canções têm em comum? o enfrentamento ao sistema racista, um dar as mãos para a população negra. E pra que voz mais potente do que Elza Soares pra falar de feminismo Negro, dos atravessamentos que as mulheres negras sofrem, refletindo mais uma vez a colonialidade do poder e do saber? Mil nações moldaram a minha cara/Minha voz, uso pra dizer o que se

⁴ Termo desenvolvido por Quijano para demonstrar as forças coloniais no processo de construção de conhecimento. QUIJANO, A. (2000), “Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America.



cala/Ser feliz no vão, no triz/É força que me embala/O meu país é o meu lugar de fala/Pra que separar?/Pra que desunir?/Porque só gritar?/Porque nunca ouvir?/Pra que enganar?/Pra que reprimir?/Porque humilhar?/E tanto mentir?/Pra que negar que ódio é que te abala?/O meu país é meu lugar de fala. Como resultado preliminar, a apropriação sobre a cultura africana vem desde a Diáspora negra quando arrancados de seu Continente os africanos que aqui chegaram tiveram que abandonar suas tradições para sobreviver num mundo estranho sob um regime de desumanização. A apropriação cultural se moldou na pós-abolição em especial nas primeiras décadas do século XX como uma das faces do mito da democracia racial, a partir do conceito de brasilidade, onde a cultura do povo negro foi incorporada como cultura brasileira ou folclorizada até o seu total esvaziamento por um padrão cultural branco. Neste sentido, a presença das mulheres negras no samba, ora é super exposta pela mídia de massas, no intuito de folclorizar e objetificar aquele corpo hipersexualizado, ora é invisibilizada quando se propõe a cantar e expor as opressões cotidianas que tanto sofre. Diante de todo esse cenário, algumas mulheres negras por meio do samba, foram e são resistência a todo o processo de branqueamento e desumanização. É pela música que muitas denúncias são feitas e os gritos de esperança são dados, ainda que em alguns cenários a branquitude suba ao palco do protagonismo invisibilizando a produção potente das mulheres negras.

REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI, Maria Clara Martins. As mulheres e o samba na narrativa histórica: reflexões em torno da questão de gênero na exposição “o Rio de samba: resistência e reinvenção” do museu de arte do Rio. 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564665390_ARQUIVO_ArtigoFinal_MariaClaraMartins.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Zahar, 1 ed., org. Flávia Rios e Márcia Lima, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

KERTÉSZ, Chico. Documentário Axé: Canto de um Povo de um Lugar. Netflix. 2016. Documentário. 1h 47m. Filme de Chico Kertész. 2016. Disponível em:<https://www.netflix.com/watch/81295392?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C09>



4d0c39ccc128e20e66672e440f9ece63a7aa23%3Accba9e52b10af4108291ffa08512158202e1639d%2C094d0c39ccc128e20e66672e440f9ece63a7aa23%3Accba9e52b10af4108291ffa08512158202e1639d%2Cunknown%2C. Acesso em: ago.2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.